



## **Existir nas semelhanças**

### ***To Exist in the Similarities***

Rafael Tomelin

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil  
rafaeltomelin@yahoo.com.br

**Resumo:** Partindo da análise minuciosa de dois textos de Walter Benjamin, “Doutrina das semelhanças” e “Sobre a faculdade mimética”, este trabalho visa mostrar a proposição para uma filosofia da linguagem que vinha sendo pensada desde “Sobre a linguagem em geral e a linguagem humana”. Neste, começa a ser apresentada uma ideia de linguagem mágica, advinda do livro do Gênesis e do sopro divino, de onde se diferenciam a linguagem divina, que nomeia para conhecer, humana, que conhece e depois nomeia, da linguagem das coisas, que é muda e imperfeita. Pensa-se na faculdade mimética como algo que, nos povos primitivos, dizia respeito às correspondências mágicas entre linguagem e o universo, e que, na modernidade, corresponde à decaída no arquivo de semelhanças não-sensíveis, e, por fim, à incapacidade de nos tornarmos semelhantes.

**Palavras-chave:** semelhanças; correspondências; decadência; constelações; mimese.

**Abstract:** Starting from a careful analysis of two texts by Walter Benjamin, “Doctrine of the Similar” and “On the Mimetic Faculty”, this paper aims to show the proposition for a philosophy of language that has been thought by Walter Benjamin since “On Language as Such and on the Language of Man”. The beginning of this philosophy of language comes from the book of Genesis and from the divine breath of life. There are three different levels of language, the divine that names to know, the human that knows and then names, and the language of things that is mute and imperfect. The mimetic faculty is thought of as something which, in primitive peoples, was related to the magical correspondences between language and the universe, and which, in modernity, corresponds to the human decay into the archive of nonsensitive similarities, and, finally, to our inability to become similar.

**Keywords:** similitudes; correspondences; decadence; constellations; mimesis.

Comme de longs échos qui de loin se confondent  
Dans une ténébreuse et profonde unité,  
(Charles Baudelaire)

## 1 O sopro no barro

“Doutrina das semelhanças” e “Sobre a faculdade mimética”, ambos de 1933, são textos que foram escritos com a mesma preocupação: a atuação da faculdade mimética na linguagem. A semente dessa inquietação teórica já aparece num texto bem anterior, o “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, de 1916. Neste, o argumento principal é o de que a linguagem humana se diferiria da linguagem em geral<sup>1</sup> pela capacidade de nomear. A essência-de-linguagem (*sprachliches Wesen*) do ser humano estaria no seu poder de nomear as coisas em geral. A essência espiritual (*geistige Wesen*), que diz respeito ao conteúdo metafísico e puro da linguagem, materializa-se como essência-de-linguagem, e é exatamente isto o que a linguagem pode comunicar, a essência-de-linguagem das coisas. Conclui-se este raciocínio com a compreensão de que cada linguagem comunica, na verdade, sempre a si mesma. Mantém-se a distinção entre a essência espiritual e a essência-de-linguagem como uma contradição, antinomia, tal qual um abismo sobre o qual toda teoria de linguagem deve manter-se, feito um equilibrista sem rede de proteção. *Logos* é o termo pelo qual estas duas essências da linguagem juntam-se de maneira a, provisoriamente, solucionar o paradoxo que as separa. Dessarte, a insolubilidade desta ausência de via (*a-poria*) entre a essência espiritual (metafísica) e a essência-de-linguagem (materialização da linguagem metafísica) é o que motivará toda e qualquer teoria acerca da linguagem. Uma das tentativas de saída deste enigma é o que vai se denominar de “expressão”, isto é, a *linguagem*.<sup>2</sup> Tomemos o exemplo da lamparina, que não comunica a lamparina em si, mas a lamparina-

---

<sup>1</sup> A linguagem em geral (*Sprache überhaupt*) diz respeito à linguagem dos objetos, dos animais, das plantas, das rochas e etc. Há uma dificuldade na tradução da palavra “*Sprache*” para o alemão, pois em alemão esta palavra pode designar, em português, palavras como “língua”, “linguagem” e “jargão”.

<sup>2</sup> “Linguagem” que dá o título ao ensaio, tanto a “linguagem” em geral como a “linguagem” humana.

linguagem, que é a lamparina na linguagem, na expressão (BENJAMIN, 2018, p. 11). No entanto, isto não deve ser entendido como uma tautologia da linguagem, pois o que é comunicável numa essência espiritual é a sua linguagem; comunicável é o que for suscetível de comunicação. Há uma espécie de presença fundamental da mediação “mágica” contida na linguagem em geral, que, com sua infinita mudez e imperfeição, tudo comunica, mas nada nomeia. O ser humano comunicará, dentro do que for possível, a essência espiritual na sua língua através de palavras, e a natureza, desse modo, só se comunicará nos humanos. Diferencia-se a linguagem em geral da linguagem humana por causa das palavras, que são um meio, um *medium*,<sup>3</sup> para a comunicação. Aí está a diferença entre ambas, na instrumentalização ou não da linguagem (a “magia” da linguagem ausente de mediação, versus a linguagem que é tida como meio para que algo se comunique). As palavras tornam possível a nomeação, ação demasiado humana e divina, e que não é vista em outras formas de linguagem. A linguagem humana é a única que pode nomear, e esta é a essência-de-linguagem do ser humano. A lamparina, a montanha e a raposa comunicam-se, mas nós os nomeamos como lamparina, montanha e raposa. Arremata-se a conclusão de que não há um “falante das línguas”, mas um “falante nas línguas”, como na comemoração do dia de Pentecostes, narrado do *Livro dos Atos dos Apóstolos*, em que a glossolalia faz com que os falantes aparentemente pronunciem-se numa língua muito próxima da do Oráculo de Delfos, na dos ritos Sufi ou de certas danças extáticas praticadas em África. Não se pode dizer com certeza se há ali a comunicação de uma essência espiritual ou de uma essência-de-linguagem, mas pode haver algum tipo de nomeação errante e enigmática. Encena-se nesta situação o mesmo paradoxo do *Logos*, falar sem necessariamente comunicar coisa alguma; falar e comunicar o oculto. É certo que a linguagem humana comunica-se, principalmente pelos nomes.

---

<sup>3</sup> A questão do *medium* tomará outro caminho nas observações de Maria Filomena Molder. O autor poderá também tornar-se *medium* de outros escritores/de outras vozes, na medida em que os cita e deixa que eles falem por si no seu texto. “A citação constitui, assim, para aquele que se confronta tão firmemente com esse vazio, um momento purificador, um propósito anárquico de revolucionar o presente, demonstrando a intransmissibilidade do passado como um todo e assegurando, ao mesmo tempo, que unicamente esta operação de recolha entre os restos possibilita a sua preservação.” (MOLDER, 1999, p. 41).

Voltemos à função da nomeação. O que faz um nome? E o ato de nomear? E o que a língua comunica? Responde-se às primeiras duas perguntas com a afirmação de que o nome não faz nada além de sua própria significação. O nome não comunica nada além disso, o nome é o absoluto da linguagem. O nome é a linguagem da própria língua. Responde-se à última pergunta ao se dizer que a linguagem comunica a essência espiritual que lhe corresponde. Existe aí, no ato de nomear, antes o vazio da mudez e depois o nome. O ato de nomear é o que faz com que as essências espirituais humanas sejam plenamente comunicáveis, deve-se pensar na linguagem humana como algo inexistente e ao mesmo tempo existente, pois o ser humano não se comunica através dela, mas somente nela. Cessa-se a ponderação, ao fim deste argumento, com a conclusão de que o nome, como parte do legado da linguagem do ser humano é a essência espiritual do ser humano, porque faz com que a linguagem humana exista. A linguagem humana passa a existir quando se profere um nome. Por isso a essência espiritual é plenamente comunicável, pois aquele que nomeia fala a língua pura, que povoa o vazio; pois faz as correspondências entre essência espiritual e essência-de-linguagem por meio da palavra.

A única das coisas com as quais Deus insuflou com o seu sopro de vida, espírito e linguagem, foi o ser humano. Depois de animar o corpo feito de barro,<sup>4</sup> concedeu o dom da linguagem, elevando-o acima da natureza muda e imperfeita. Segundo a tradução de João Ferreira de Almeida, no Gênesis 1,3: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz.” (Bíblia Shedd, 1997, p. 2) e em 1, 14: “Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos.” (BÍBLIA SHEDD, 1997, p. 2). Nessas duas ocasiões, o ato criador estava diretamente ligado à linguagem. Em Deus o nome cria, pois é Verbo, e o conhecimento divino acontece através do Verbo. Diferencia-se o ato nomeador do Verbo de Deus do da nomeação humana dado que naquele há a íntima identificação do Verbo criador com o nome. Deus permite o conhecimento das coisas ao nomeá-las, enquanto os humanos nomeiam-nas na medida em que as

---

<sup>4</sup> Muito anteriormente à mitologia grega e judaica, quando o rei Gilgámesh pede à deusa Arúru que crie um companheiro para si: “Arúru lavou as mãos / Pegou barro e jogou na estepe: // Na estepe a Enkídu ela criou, o guerreiro, / Filho do silêncio, rocha de Ninurta, / Pelos sem corte por todo o corpo, / Cabelos arrumados como de mulher”. (SIN-LÊQI-UNNÍNNI, 2018, p. 48.) Do barro é feito Enkídu, companheiro cuja morte muito afeta Gilgámesh, e faz que o rei saia em busca da vida eterna.

conhecem. Ao criar o homem e a mulher à sua imagem e semelhança,<sup>5</sup> não os submete à linguagem, pelo contrário, liberta-os na linguagem que era Dele. Completou-se a criação divina no momento em que a língua humana foi utilizada para nomear as coisas. Os humanos são aqueles que conhecem pela mesma língua da qual Deus cria, só que o nome não alcançará o Verbo tanto quanto o conhecimento não alcançará a Criação. Desta maneira captamos a limitação da linguagem humana.<sup>6</sup> Ao abrirem suas bocas não para falar, mas para comer o fruto proibido, fez-se a hora do nascimento da palavra humana. Assim como na linguagem há três degraus descendentes, o do Verbo nomeador, a linguagem humana e a linguagem das coisas, no pecado original há uma tripla significação no que concerne à essência da linguagem:

- (1) Ao abandonar a língua pura do ato de nomear, o ser humano “significa” a linguagem, faz com que as línguas se dividam e se tornem meio instrumental, *medium*. Um jogo de signos e um dançar das línguas humanas.
- (2) Ao tentar reaver a suprema glória da linguagem não mediatizada, nasce a sentença jurídica e a sintaxe.

---

<sup>5</sup> “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (BÍBLIA SHEDD, 1997, p. 3).

<sup>6</sup> Mauri Furlan, no seu belo artigo sobre as concepções de linguagem e tradução de Walter Benjamin investiga melhor este jogo etimológico que envolve o barro e o homem. Cito. “O homem, *homo*, é feito da terra, *humus* (que apresenta a mesma raiz de *homo*, assim como em hebraico Adão, *Adam*, o primeiro homem criado por Deus, possui a mesma raiz de terra, *adamah*, a matéria de que é formado) . O homem é terra, e compreende a terra e todos os frutos da terra enquanto conserva pragmaticamente sua natureza terrena, (=) humana, *humilis*, humilde, humilde, em seu sentido primeiro (e não pejorativo), daquele que está na terra, no *humus*. O *homo-humus humilis* nasce da terra, permanece na terra e co-nasce com tudo que a terra produz pois está junto à terra. É deste co-nascimento que brota o conhecimento. Conhecer é co-nascer (*connaître*, em francês traz os dois significados). O homem ao co-nascer com as coisas (cognato com as coisas) pode conhecê-las em sua essência, porque participa de sua essência, e pode nomeá-las com conhecimento e (re)conhecê-las no nome. Conhecer as coisas é nominar e nominar as coisas é dominar (*dominari*) as coisas, é fazer-se senhor (*dominus*) das coisas, é aceitar o dom de verbalizar, à imagem e semelhança do Criador.” (FURLAN, 1996, p. 94. Grifos do autor).

- (3) Já que não há propriamente um conteúdo da linguagem, enquanto comunicação a linguagem comunica o que pode ser comunicável. Desta teoria das correspondências sai a hipótese de que haja, desde o pecado original e na consecutiva queda do paraíso, a origem da abstração como faculdade do espírito da linguagem.<sup>7</sup>

## 2 As constelações

Como epígrafe deste texto foram retirados dois versos do soneto “Correspondances” de Charles Baudelaire:

### Correspondances

La Nature est un temple où de vivants piliers  
Laisent parfois sortir de confuses paroles;  
L’Homme y passe à travers des forêts de symboles  
Qui l’observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent  
Dans une ténébreuse et profonde unité,  
Vaste comme la nuit et comme la clarté,  
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d’enfants,  
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,  
– Et d’autres, corrompus, riches et triomphants,

Ayant l’expansion des choses infinies,  
Comme l’ambre, le musc, le benjoin et l’encens,  
Qui chantent les transports de l’esprit et des sens.<sup>8</sup>  
(BAUDELAIRE, 2016, p. 134)

<sup>7</sup> Como João Barrento sinaliza na nota número 10 de sua tradução, é sobre essa hipótese que serão escritos os dois textos de 1933.

<sup>8</sup> A tradução de Ivan Junqueira para este soneto: “A Natureza é um templo vivo em que os pilares / Deixam filtrar não raro insólitos enredos; / O homem o cruza em meio a um bosque de segredos / Que ali o espreitam com seus olhos familiares. // Com ecos longos que à distância se matizam / Numa vertiginosa e lúgubre unidade, / Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade, / Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam. // Há aromas frescos como a carne dos infantes, / Doces como o oboé, verdes como a campina, / E outros, já dissolutos, ricos e triunfantes, // Com a fluidez daquilo que jamais termina, / Como o almíscar, o incenso e as resinas do Oriente, / Que a glória exaltam dos sentidos e da mente.” (BAUDELAIRE, 2016, p. 135).

Em parte nenhuma dos dois textos que examino este soneto é citado. Mas muito do que Walter Benjamin propõe como o conhecimento dos domínios do “semelhante” está no soneto das “Correspondências”.<sup>9</sup> Neste lemos muito do saber oculto (os longos ecos que de longe confundem-se numa tenebrosa e profunda unidade, conforme a epígrafe) da faculdade mimética que age dentro da linguagem. O que não há em Baudelaire, e que será a descoberta de Walter Benjamin, é o progressivo abandono de uma linguagem junto da natureza, um afastar-se do mimetismo naturalista e das semelhanças que a natureza em si engendra, para o moderno “desabar-se” num arquivo de semelhanças linguísticas não-sensíveis. Escreve-nos Walter Benjamin que resta, na linguagem humana, há um espaço todo encoberto por um saber ainda oculto. Conhecimento este que é, de fato, o da esfera das semelhanças sensíveis (que mais tarde estará dentro do âmbito de uma leitura antiga, mágica e profana) e o das semelhanças não-sensíveis (o arquivamento da experiência pela linguagem e pela letra, que representa a decadência da experiência das antigas semelhanças sensíveis). Como herança etimológica, recebemos as “correspondências” como “cor”, que é o “coração” anatômico e, figuradamente, a “alma” ou “pensamento”, e as “respondências”, que são os tratos e relações sensíveis. Não é possível dizer se ainda nos resta algo das “correspondências” arcaicas, talvez um mínimo resquício fulgurante.

Partindo da hipótese sobre a linguagem humana começada no texto de 1916, alcança-se uma nova, da qual o ser humano é aquele que tem a capacidade completa de produzir as semelhanças, e que, talvez, não ocorra algo que os humanos concebam que não seja determinado pela faculdade mimética. A habilidade de produzir paridades está na natureza, pesemos a enorme quantidade de insetos que mimetizam folhas, flores, outros animais, etc.<sup>10</sup> Mas é no ser humano que essa capacidade é levada ao máximo. Há um certo determinismo (filogênese, o que vem

---

<sup>9</sup> Acrescento que o compositor Henri Dutilleux também muito se inspirou neste soneto. Compôs, entre 2002 e 2003 um ciclo de canções para soprano e orquestra intitulado “Correspondances”. Os textos utilizados para as canções são de vários autores: Rainer Maria Rilke, Prithwindra Mukherjee, Alexander Solzhenitsyn e Vincent Van Gogh.

<sup>10</sup> Pouco tempo depois dos dois tempos de Walter Benjamin sobre a faculdade mimética, este será o assunto do texto de Roger Caillois em “Mimetismo e Psicastenia Lendária”, originalmente de 1938. Refuta-se neste texto a hipótese evolucionista de que o mimetismo seria uma forma de sobrevivência muita avançada, para considerá-lo como esquizofrenia. (CAILLOIS, 1984).

do desenvolvimento da espécie) e certo desenvolvimento (ontogênese, o que o indivíduo desenvolve em si ao longo da vida) no que diz respeito à faculdade de produzir semelhanças nos seres humanos. No que diz respeito ao desenvolvimento que parte do indivíduo, pode-se pensar no jogo infantil. É nos jogos infantis que aparece a marca dos comportamentos miméticos, da maneira como quando as crianças brincam tanto ao imitar outras pessoas e igualmente objetos. Como exemplo tomemos os adultos e suas profissões e conjuntamente objetos como moinhos de vento e trens. Para explicar esse mimetismo deve-se voltar ao desenvolvimento filogenético do comportamento mimético. Muito se pode explicar pelo fato de que a consciência das semelhanças é somente uma parcela muito pequena da percepção do mimetismo, isto se descobre quando é posta em concorrência com as determinações inconscientes dessa faculdade. Walter Benjamin utiliza a imagem da ponta do iceberg para que se demonstre as dimensões do inconsciente versus o consciente das semelhanças: o inconsciente permanece submerso no mar glacial. O desenvolvimento histórico dessa faculdade nos seres humanos se dá do ponto em que certos objetos e comportamentos miméticos foram desaparecendo, e daí passa a ocupar-se de outros. Cogitemos a humanidade moderna ou contemporânea. Seu universo de vivência contém as experiências mágicas em muito menor grau do que o dos povos antigos ou primitivos. Pode-se buscar a explicação dessa decaída em um fenômeno muito antigo, caso da astrologia. É nas constelações que os antigos viam uma realidade a imitar, tanto coletiva quanto individualmente, uma vez que na interpretação dos astros estavam contidas indicações para tratar das semelhanças vivas. Para isto que se criou a astrologia, para dar conta do caráter de experiência que há na possibilidade de imitação pelo ser humano através da leitura dos astros. Entre os antigos isto era visto como dom, o dom da integração perfeita da ordem cósmica. Como se toda a realidade operasse segundo uma dança harmônica, que era realizada tanto pelos astros como pelos seres vivos na Terra. O momento do nascimento e da correspondência astral com o evento da natividade passa muito subitamente, de modo quase impossível de ser fixado, como um relampejar da *origem* qual cabia ao astrólogo examinar e determinar. A hora do nascimento “oferece-se ao olhar de forma tão fugidia e passageira como uma constelação”. (BENJAMIN, 2018, p. 49).

Ao escrever estes dois textos que aqui observo, Walter Benjamin já muito tinha se ocupado das constelações. Quando escreveu sua tese

sobre o drama trágico-lutuoso (Trauerspiel), não surpreendentemente, voltou-se para um pensador do mesmo período do seu objeto de estudo, um pensador barroco. O filósofo a que ele se reporta é Gottfried Wilhelm Leibniz. Seu argumento para a *ideia* que se assemelha mimeticamente ao ser através de correspondências linguísticas anacrônicas. Tal qual uma constelação de pequenos estilhaços que compõem um mosaico, uma constelação feita de pequenas mônadas. Por ser uma abreviada imagem do mundo, cada mônada impõe-se como tarefa ao filósofo ou crítico. Cada *ideia*, mônada, é emergência temporal. Passa veloz tal qual o momento do nascimento de que se ocupa o astrólogo. A mônada importa como emergência temporal, como nova pecinha do mosaico, não por que fala ou volta-se para si, como se fosse uma autorreflexão do mundo ou uma sala feita de espelhos por todos os cantos, mas porque volta-se para todas as outras, correspondendo um pouco de si em todas as outras, como a semente de uma lavoura. Deste modo, é concludente que a *origem* (Ursprung) e sua *ideia* comportem-se como enigmas, pois são representações da verdade. Só que não uma verdade total e sistematicamente fechada, concepção tão estrangeiro a Walter Benjamin, pois o conceito faz parte da mediação entre o fenômeno e sua *ideia*, como a constelação e a leitura do destino que faz nela o astrólogo. As *ideias* estão, analogicamente, em relação com as coisas, como as constelações estão com os astros.<sup>11</sup> Georges Didi-Huberman, ao comentar a concepção de representação em Walter Benjamin, concluirá que “o pensamento dialético não mais buscará *reproduzir* o passado”, mas “representá-lo: num único lance, o *produzirá*, emitindo uma imagem como se emite um lance de dados”. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 176). Em razão disso, uma *origem*, como o momento do nascimento que se corresponde à imagem dos planetas, deve ser largamente vasculhada para que se concretize o ato de esboçar uma pequena imagem do mundo, uma semelhança entre astro e ser humano. Dado que a *origem* não tem relação

---

<sup>11</sup> Walter Benjamin se voltará para a *ideia* da harmonia das esferas para nos escrever sobre o atrito feito à distância pelas próprias ideias, na sorte de uma “telepatia” do pensamento (uma afetação distante). “Tal como a harmonia das esferas se funda nas órbitas dos corpos celestes que não se tocam, assim também o *munduns intelligibilis* se funda na distância intransponível entre as essências puras. Cada ideia é um sol, e relaciona-se com as outras como os sóis se relacionam uns com os outros.” (BENJAMIN, 2011, p. 25).

com a *gênese*, ela nos afasta das filosofias dos arquétipos, tanto quanto nos esquivava de uma noção positivista da historicidade. Assim o faz, pois compreende em si um eterno inacabamento da “novidade”, de outros membros que virão parar numa constelação, para que se realize seu poder de morfogênese (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 171). Outras linhagens de recém-nascidos, ladrilhos dos mosaicos. Muito desta preocupação com a origem de um dado fenômeno deve-se a Goethe e às suas observações sobre a metamorfose das plantas. É neste estudo que aparece o achado de que as plantas carregam em si um conjunto de *marcas* (*Zeichen*) de sua *origem* (*Ursprung*).<sup>12</sup> Concorrentemente a Walter Benjamin, Ludwig Wittgenstein também chegará à conclusão de que a linguagem humana se comporta como um arquivo de semelhanças linguísticas. “As palavras são como a bolota da qual pode crescer um *carvalho*.” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 81). Tenho a mesma clareza quando estou a escrever e a pensar sobre Walter Benjamin. Parece que estou começando a partir de algo que já lá estava, mas quanto mais penso e escrevo, mais no começo estou. Como se uma criança me emprestasse um brinquedo pela metade e não me fosse avisado dessa divisão. Toda vez nos é dada essa semente da linguagem que pode, ou não, brotar.

### 3 Duplo estado da leitura e a queda no arquivo

Em “Doutrina das semelhanças” e “Sobre a faculdade mimética” é colocada outra suspeita sobre a origem da linguagem. Não mais advinda do sopro divino, mas da onomatopeia, da imitação da natureza e das coisas em geral através de seus sons. Tendo como exemplo o som das águas quando correm pelo rio, quando chove e troveja, do vento quando bate nas árvores, o canto dos pássaros, os sons do corpo humano... Na conceituação onomatopaica da gênese da linguagem está contida, em

<sup>12</sup> Os dois termos aparecem pela primeira vez no segundo parágrafo do *Die Metamorphose der Pflanzen*. “So verändert sich, zum Beispiel, meistens die einfache Blume dann in eine gefüllte, wenn sich, anstatt der Staubfäden und Staubbeutel, Blumenblätter entwickeln, die entweder an Gestalt und Farbe vollkommen den übrigen Blättern der Krone gleich sind, oder noch sichtbare Zeichen ihres Ursprungs an sich tragen.” Minha tradução para este parágrafo: “Então, por exemplo, uma flor simples geralmente muda para uma flor cheia quando as pétalas se desenvolvem com a mesma forma e cor das folhas remanescentes da coroa, em vez dos estames e anteras, ou quando haja sinais ainda visíveis de sua origem. (GOETHE, [20--?]).

gérmen, a abstração das semelhanças sensíveis que se tornarão não-sensíveis, ou puramente linguísticas. Pode-se, por sobre essa suspeita, lançar uma conjectura que baliza tanto uma posição teológica, quanto mística e também filológica. Pensemos num conjunto de palavras de diferentes línguas montadas em torno de um mesmo significado, e, ao focalizarmos em uma destas palavras, vemos o caso da letra *beth*, cujo grafismo reproduz a forma de uma casa de maneira a espelhar o seu significado. Ao lado dela pode-se colocar *house*, *Haus*, *casa*... As semelhanças não-sensíveis vão se constituindo num tipo de jogo não tão longínquo dos jogos infantis que imitam qualquer coisa. É esta semelhança que liga não só a fala (*phoné*) e o que se quer dizer, mas também entre o escrito (*gramma*) e o significado. Esse movimento de basculação entre dois pólos faz com que a linguagem apresente-se sempre de forma atualizada e irredutível, como uma enorme superfície em que deslizam os objetos (ou a ausência de objetos) e, a eles, se liguem sons, letras e significados.

O momento em que a linguagem começou a ser tida como um conjunto de semelhanças não-sensíveis foi importante em dois aspectos. Primeiro, é por causa disso que nasce a escrita e também por causa da escrita que isso acontece. Sobre a caligrafia antiga a grafologia nos ensinou a reconhecer imagens, lembremos-nos do caso da letra *beth*, que o inconsciente de quem a escreveu nela acobertou. Platão percebeu a invenção da escrita e a proximidade com os jogos no diálogo de Sócrates com Fedro. O nascimento da escrita é narrado através de um mito do antigo Egito, na verdade improvisado por Sócrates. Conta-se que o deus Theuth, associado ao pássaro íbis, descobriu diversas coisas, dentre elas os números, o cálculo, a geometria, a astronomia, o jogo do gamão, os dados e a escrita (*grammata*). É esta a concepção moderna de linguagem, tal como Walter Benjamin nos apresenta. Hoje, a linguagem que nos é dada é a mesma que será riscada nas pedras de nossos túmulos, ela é semelhante ao jogo de dados, ao jogo do gamão, à invenção dos números, à astronomia e ao cálculo (PLATÃO, 274b-279b). Segundo, o arquivo de correspondências não-sensíveis da linguagem, em sua infinita superfície de significantes e equivalências, abre a possibilidade de um duplo estado da palavra “leitura”. Uma que se entenderá como profana, e outra como mágica. A relação da vertente mágica da linguagem e da escrita não nega seu componente semiótico (de linguagem enquanto conjunto e relação de/entre signos). Vai-se pelo avesso, pois todo elemento mimético da

linguagem é intencional, como a chama que, para os antigos, só pode se exibir caso tenhamos as achas de madeira, mas que só pode se manifestar através de algo que lhe é obscuro, sua transformação em signo, tocando, destarte, o lado semiótico da linguagem. É nesta zona de escuridão entre elementos constitutivos da fala, significado e escrita que são pensados os dois textos, tanto no “Doutrina das semelhanças” como em “Sobre a faculdade mimética”. A leitura em duplo estado é feita pelo astrólogo que “lê” os signos (linguísticos e astrais), como também “lê” o futuro, ou destino, que os astros em si contém. Tal como a leitura contingente dos planetas, o contexto da significação das palavras ou das frases é o suporte das semelhanças que surgem como uma irrupção súbita e cadente. É plausível que se arrisque a dizer: a agilidade da fala e da escrita potencializa a fusão do elemento semiótico (a chama da linguagem) com o do mimético (o arquivo de semelhanças) na esfera da linguagem.

Contudo, esta leitura em duplo estado parece ter ficado somente nos tempos primitivos da humanidade. Essa ação é a de “ler o que nunca foi escrito”, (BENJAMIN, 2018, p. 55) leitura feita antes de toda linguagem, muito mais antiga do que o arquivo de semelhanças não-sensíveis da modernidade. Esta é a leitura que se faz a partir das entranhas dos animais, dos planetas, do vôo dos pássaros. É a leitura dos antigos vates. Igualmente é a leitura que se faz da dança, arte rainha das sugestões, inexata e aberta aos significados. A leitura arcaica era ora mediatizada e ora não, pois mirava vezes no obscuro da linguagem e vezes no que está na superfície, no que era, paradoxalmente, oculto e próximo. A decadência da linguagem é também a decadência que cria a possibilidade da leitura e escrita das letras. Ao encontrar formas de leitura e escrita, como as runas e os hieróglifos, a linguagem transformou-se num arquivo de semelhanças não-sensíveis. Alterou-se num *medium* no qual só sobrevivem as forças miméticas em que as coisas se encontram e se relacionam entre si, indiretamente. Passado o tempo que oportuniza a leitura em duplo estado, estacamos na leitura profana, que faz o aluno que lê o alfabeto. Mas, para que nós leitores não saíamos de mãos abanando desta leitura que nos sobrou, devemos estar atentos ao momento de irrupção súbita do semelhante. O mundo que ainda captamos, o das percepções das semelhanças que somos capazes de ver, é meramente borralho do arcaico mundo regido pela lei das semelhanças e pela compulsão de tornar-se semelhante. A existência com base na semelhança, antigamente, ainda confundia-se com os efeitos que os astros produziam numa existência

humana no momento do nascimento. Hoje jogamos com a língua que joga conosco, tentamos algo junto das irrupções dos astros das ideias, dos conceitos, das palavras, das metáforas, que nos permitem ver, brevemente, a pretérita possibilidade de existir nas semelhanças.

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira e apresentação de Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Edição especial.

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet e Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften, Band II-1*. Organização de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt Am Main: Suhrkamp Verlag, 1991.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Shedd*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

CAILLOIS, Roger; SHEPLEY, John. Mimicry and Legendary Psychasthenia. *October*, [s.l.], v. 31, p.16-32, 1984. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/778354>

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Die Metamorphose der Pflanzen, *Naturwissenschaftliche Schriften*, [20--?]. Disponível em: <http://www.zeno.org/Literatur/M/Goethe,+Johann+Wolfgang/Naturwissenschaftliche+Schriften/Morphologie/Die+Metamorphose+der+Pflanzen/1.+Von+den+Samenbl%C3%A4ttern>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FURLAN, Mauri. A missão do tradutor: Aspectos da concepção benjaminiana de Linguagem e Tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 91-105, jan. 1996.

MOLDER, Maria Filomena. *Semear na neve*: Estudos sobre Walter Benjamin. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução do grego, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; introdução de James H. Nichols Jr. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Ele que o abismo viu*: epopeia de Gilgamesh. Tradução do Acádio, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e valor*. Tradução de Jorge Mendes. Revisão, por comparação com o texto em alemão, de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1980.

Recebido em: 15 de maio de 2019  
Aprovado em: 9 de janeiro de 2020